

**COLOCANDO O SEXO EM DISCURSO¹:
OLHARES DE FOUCAULT SOBRE A PSICANÁLISE**

**PUTTING SEX IN DISCOURSE:
FOUCAULT LOOKS ON PSYCHOANALYSIS**

Ederson Luís Silveira

Doutorando em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina

Mestre em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina

Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

Membro do Grupo de Estudos em Territorialidades da Infância e Formação Docente (GESTAR/CNPq)

E-mail: ediliteratus@gmail.com

RESUMO

O presente trabalho, qualitativo de natureza documental e bibliográfica, visa trazer discussões acerca das relações entre Foucault e a psicanálise. Nesse contexto, as reflexões de Joel Birman e de Ernani Chaves se tornam profícuas e, considerando a leitura de algumas obras de Foucault, sobretudo do primeiro volume da *História da Sexualidade*, serão retomados alguns pontos de embates e problematizações sob o viés foucaultiano como aquele que emerge não para deslegitimar o papel e o lugar da psicanálise, mas a partir de reflexões que se voltam para questões concernentes aos modos em relação ao que tornou esta possível enquanto discurso científico.

Palavras-chave: Sexualidade. Psicanálise. Vontade de Saber.

ABSTRACT

This qualitative paper of documentary and bibliographical nature aims to bring discussions about relations between Foucault and psychoanalysis. In this context, the musings of Joel Birman and Ernani Keys become fruitful and considering the reading of Foucault's works, especially, the first volume of the *History of Sexuality*. It will be resumed some points clashes and problematizations under Foucaultian bias as that which emerges not to delegitimize the role and place of psychoanalysis, but from reflections turn to questions concerning the ways in relation to what made this possible as scientific discourse.

Keywords: Sexuality. Psychoanalysis. Desire to know.

1 PREÂMBULOS SOBRE O SUJEITO, O SABER-PODER E A SEXUALIDADE EM FOUCAULT

Foucault foi um pensador incansável das disciplinarizações, do poder, do cuidado de si e da produção de subjetividades, que se recusava a assentar suas investigações em concepções baseadas sobre saberes aprioristicamente estabelecidos e, por isso, desconfiando, escavando o terreno que colocava argumentos sob o solo do verdadeiro, e, provocando os leitores apresentou ferramentas a cada um que tiver seus livros ao alcance, instigando-o a operar sobre si a possibilidade de um pensamento outro. Seus estudos sobre o poder como um emaranhado de teias que perpassam as relações humanas e, entre outros temas, sobre a disciplinarização de corpos e as modificações das técnicas de si, que se fizeram surgir com o passar do tempo, relegaram aos seus estudos um caráter atemporal.

Foucault não queria seguidores, nem repetidores *ipsis litteris* daquilo que dizia. Antes disso, queria que o exercício do pensamento os guiasse no esforço de operar um trabalho sobre si próprios, com a modificação do que haviam sido antes. Como ele disse uma vez, escrevia livros para que outros livros fossem escritos e não necessariamente por ele. Se caracterizou, certa vez, como um pirotécnico (FOUCAULT, 2006), pois era a favor de que muros fossem quebrados para que o saber pudesse emergir por sobre as cinzas da poeira das verdades que deveriam cair por terra ao serem escavadas sob as lentes do arqueólogo do saber, do genealogista do poder, do pensador da problematização. Para ele, o objetivo de uma pesquisa não é tornar o trabalho metódico centrado-se na busca de “soluções”, porque a tarefa da filosofia “[...] não é resolver – aí compreendida a ação de substituir uma solução por outra – mas ‘problematizar’, não reformar, mas instaurar uma distância crítica, fazer jogar o ‘desprendimento’” (REVEL, 2005, p. 09).

Quando se acreditava que o poder fosse algo que alguém detinha e que exercia sobre os outros unilateralmente, Foucault apresenta outra versão acerca dos efeitos do poder e indaga: se o poder apenas tivesse por objeto de funcionamento dizer não, seria obedecido? Então a noção de poder se expande para além do estereótipo da repressão que ele pode exercer sobre os corpos.

O que faz com que o poder se mantenha e que seja aceito é simplesmente que ele não pesa como uma força que diz não, mas que de fato ele permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso. Deve-se considera-lo como uma rede produtiva que atravessa todo o corpo social muito mais do que uma instância negativa que tem a função de reprimir (FOUCAULT, 2008b, p. 08).

Ao partir de uma concepção de poder que não apenas tenha por objeto reprimir os corpos e os indivíduos, Foucault nega a concepção de um sujeito universal, constituinte, situando as condições de possibilidade dos enunciados e dos objetos discursivos em uma trama histórica. A

partir dessa atitude, ele se distancia do estruturalismo, livrando-se do próprio conceito de sujeito para chegar a uma análise que possa dar conta da constituição histórica desse sujeito. Tem lugar, então o descentramento do sujeito, um dos pilares do pós-estruturalismo. E Foucault (1996, 2012) vai além, apresentando o sujeito como um lugar vazio a ser preenchido no discurso. Sendo um lugar vazio, não cabem reflexões acerca da interioridade ou do sujeito enquanto constituinte ou origem de enunciados. Desse modo, a subjetividade como categoria de análise está posta em cheque e dá lugar às formas de subjetivação, já que os modos de produção de subjetividade são inúmeros, não cabe mais falar em um sujeito fundante ou do qual partam as reflexões. Assim, quando Foucault se utiliza da noção de sujeito, ela está ligada ao conceito de formas de subjetivação e não à concepção de um sujeito centrado, consciente, centro do dizer.

Na *Arqueologia do saber*, o discurso é caracterizado a partir de uma dispersão constitutiva, que se instaura a partir de quem pode e/ou deve falar a partir de determinado lugar. Sendo assim, por exemplo, não é qualquer um que pode ser sujeito de enunciação no discurso médico, assim como os objetos do discurso não preexistem aos enunciados, como algo a ser “desvendado”. Sendo assim, entre os enunciados também há uma dispersão que faz com que eles não se reduzam a características lógicas ou gramaticais. A tese central de Foucault, nesse contexto, é de que:

em toda a sociedade a produção de discursos é a um tempo controlada, selecionada, organizada e distribuída por determinados procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar a aleatoriedade de seu acontecimento e evitar sua pesada e temível materialidade (FOUCAULT, 2012, p. 10-11).

Desse modo, se a análise da língua busca averiguar “segundo que regras um enunciado foi construído e, conseqüentemente, segundo que regras outros enunciados semelhantes poderiam ser construídos”, a análise do acontecimento discursivo apresenta outra questão: “como apareceu um determinado enunciado e não outro em seu lugar?” (FOUCAULT, 2012, p. 33). Nesse contexto, os enunciados passam a ser considerados a partir de onde emergem e o que afirmam ou negam, segundo que leis são formados e que acontecimentos existem sobre o pano de fundo no qual eles têm existência e são (re)produzidos. Trata-se, portanto, não de analisar estruturas formais ou leis de construção dos enunciados, mas as instâncias de sua existência e as regras de seu aparecimento, a fim de descrever não uma “configuração ou uma forma, mas um conjunto de regras que são imanentes a uma prática discursiva e definem sua especificidade” (FOUCAULT, 2012, p. 30).

A oposição entre o verdadeiro e falso aparece em Foucault na *Ordem do discurso* como algo que constitui um sistema histórico, modificável e institucionalmente coercitivo. Assim, para Edgardo Castro (2014, p. 81), nos deparamos “com diferentes distribuições dos limites entre o

verdadeiro e o falso ou, segunda sua própria expressão, com diferentes morfologias da vontade de verdade. A verdade tem, então, sua própria história”. Assim, com as reflexões sobre o poder (na discussão em que a produção de discursos é controlada, selecionada, organizada e distribuída está indiretamente inserida a questão do poder enquanto feixe de relações) está a centralidade das problematizações acerca dos saberes. Isso se deve ao fato de que, a partir da noção de acontecimento, temos todo um escalonamento de tipos de acontecimentos distintos entre si e que não gozam da mesma amplitude de alcance, nem da mesma capacidade de produzir efeitos.

Trata-se de discutir: o que é que foi (está sendo) colocado no lugar do verdadeiro? Quais as condições de possibilidade que emergem e quais os efeitos das redes de saber-poder que se inserem nas problematizações que nos propusermos analisar? Não se pode deixar de lado o fato de que a verdade “está ligada aos sistemas de poder, que a produzem e a apoiam, e a efeitos de poder que ela induz e que a reproduzem” (FOUCAULT, 2008b, p. 14). Nesse contexto, a verdade é vista por Foucault como um conjunto de procedimentos regulados para a produção, a regularidade, repartição e circulação dos enunciados. Trata-se do que sustenta os enunciados e permite perceber a ação das redes de poder que atravessam discursos, corpos e práticas.

Estes três elementos - saber, poder e verdade - serão muito caros para as reflexões que pretendemos empreender no presente trabalho porque não há como deixar de mencionar que determinados regimes de saber são (re)produzidos e outros são cerceados, vigiados, deslegitimados. E são esses elementos que estiveram presentes desde o estudo da loucura na idade clássica; do nascimento da clínica; da história das prisões e do disciplinamento de corpos a fim de que se tornassem corpos dóceis; das análises da sexualidade; dos estudos dos dispositivos até os estudos sobre o cuidado de si. Assim, cabe perguntarmos, em relação ao direcionamento que propomos estabelecer: o que é colocado no lugar do verdadeiro quando se fala em sexo e produção de subjetividades, sobretudo no que diz respeito às relações de saber-poder, quando o assunto é gênero e sexualidade?

Ao invés de partir da concordância em relação a uma hipótese repressiva, de que o sexo tenha sido expurgado, reprimido através de um poder que tinha por único objetivo dizer não aos corpos e sujeitos, Foucault ironiza essa hipótese e parte de outra perspectiva sobre a questão. Para ele, ao invés de silenciar, a sociedade é levada a exprimir, revelar, incitada a falar sobre o sexo. Sua hipótese parte de uma questão central: se houvesse, no centro da “política do sexo” “[...] engrenagens bem diferentes? Não de recusa e de ocultação, mas de incitação? Se o poder não tivesse por função essencial dizer não, proibir e censurar, mas ligar, segundo uma espiral indefinida a coerção, o prazer e a verdade?” (FOUCAULT, 2014d, p. 03). Nesse contexto, ao invés

de uma sociedade dedicada à repressão do sexo, ele percebe o Ocidente como dedicado à sua “expressão”. Há, então, entre os argumentos foucaultianos, um ponto de convergência entre três linhas de evolução muito pouco secretas que podem ser ressaltadas neste contexto:

a mais recente é a que dirigia a medicina e a psiquiatria da época para um interesse quase entomológico para as práticas sexuais, suas variações e todo seu disparate. [...] A segunda, mais antiga é a que, desde Rétif e Sade, inclinou a literatura erótica para a busca de seus efeitos não somente na vivacidade ou na raridade das cenas que ela imaginava, mas na pesquisa obstinada de certa verdade do prazer: uma erótica da verdade, uma relação do verdadeiro ao intenso são características dessa nova ‘libertinagem’ inaugurada no fim do século XVIII. A terceira linha é a mais antiga: ela atravessou, desde a Idade Média, todo o Ocidente cristão: é a obrigação estrita para cada um de ir procurar, no fundo do seu coração, pela penitência e pelo exame de consciência, as pistas até imperceptíveis da concupiscência (FOUCAULT, 2014d, p. 02).

A partir dessas três linhas que estão inter-relacionadas, Foucault constata que há uma relação entre o discurso verdadeiro e o prazer do sexo, e coloca essa relação como uma das preocupações frequentes das sociedades ocidentais. Desde séculos atrás, poderíamos acrescentar que essa dinâmica relação não cessou de estender os efeitos de saber-poder que aí estão incutidos até hoje. Por trás do discurso verdadeiro pairam noções de conhecimento e saber que o pensador diferencia e sobre as quais, a esta altura, vale a pena trazer algumas reflexões.

De acordo com Judith Revel (2005), em Foucault, enquanto o conhecimento se refere à constituição de discursos sobre objetos cognoscíveis, a partir da racionalização, da classificação dos objetos que existem independentemente dos sujeitos que os apreendem, o saber diz respeito a uma modificação do sujeito durante o trabalho que ele opera enquanto conhece alguma coisa. O saber está ligado ao poder, já que, a partir do discurso da racionalidade, o mundo vai se organizando em opostos catalogadores: racional e não racional, razão e loucura etc. Assim, para Foucault (1981), a relação entre saber e poder vai ocorrer através de dupla articulação: poder de extrair dos indivíduos um saber e de extrair um saber acerca dos indivíduos observados e objeto de controle.

Há, no interior dos corpos - sobre os quais se instauraram regimes de saber e incidem as tramas do poder no decorrer da história - um desejo de descatalogação, um desprender da ponta da cadeia sobre as quais teias são (re)organizadas a partir de um eixo regulador de sexualidades através de processos de normalização. Não se trata de confirmar a identidade sexual dos corpos, mas de “[...] recusar a imposição de identificação à sexualidade, às diferentes formas de sexualidade. É preciso recusar satisfazer a obrigação de identificação pelo intermédio e com o auxílio de certa forma de sexualidade” (FOUCAULT, 2010a, p. 338).

2 SEXUALIDADES EM DEBATE

Entre os anos de 1970 e 1971, Foucault inaugura uma série de análises que intitula *Morfologia da vontade de saber*. Nesse instante, ele situa o olhar para o pensamento Ocidental, percorrendo pesquisas de cunho histórico específicas e noutras vezes partindo de reflexões sobre as implicações teóricas acerca da vontade de saber. A partir disso, ele situa o lugar da vontade de saber numa história (há diversos modos de perceber a história e não apenas o modo como ele propõe, a partir de Nietzsche, como se verá mais adiante) dos sistemas de pensamento, analisando esses sistemas a partir das práticas discursivas (FOUCAULT, 2014b).

Situando as práticas discursivas no modo de fabricação dos discursos, Foucault alerta que, a depender das escolhas e de onde se parte para o movimento proposto, inevitavelmente haverá exclusões devido ao recorte efetuado. O presente trabalho não pretende refazer o percurso de Foucault e tampouco apenas apresentá-lo, mas instaurar problematizações sobre os modos como as práticas discursivas produzem subjetivações e sobre as formas de saber que foram colocadas no lugar do verdadeiro com o passar do tempo. Para isso, Foucault será nosso cicerone. Dessa forma, ao analisar as sexualidades, trata-se de tomá-las como **experiências historicamente singulares**. Essa atitude se volta para um gesto interpretativo que associa a sexualidade com um domínio de saber, com tipos de normatividades e com os modos de relação consigo para (re)interpretar como a sexualidade se institui como experiência complexa ligada ao conhecimento (teorias, conceitos, disciplinas), às regras (permite e proibido, normal e patológico, natural e monstruoso), e às relações do indivíduo consigo mesmo (pelo meio da qual ele se reconhece como sujeito de determinada sexualidade) (FOUCAULT, 2014d).

Dessa forma, percorrer-se-ão temas relacionados ao argumento de existência de indivíduos como sujeitos de determinadas sexualidades no decorrer da história (2014e), ao percurso teórico acerca da psicanálise a partir do primeiro volume da *História da sexualidade*, com os embates e tensionamentos que Foucault apresenta, destacando, nesse percurso, outras vestes com que a psicanálise freudo-lacaniana tem aparição nos argumentos foucaultianos (e, também, com menor ênfase, em outras obras de Foucault).

Cabe destacar a importância desse movimento, pois, a partir das discussões empenhadas ali, torna-se possível o reconhecimento de que o complexo de Édipo já não dá mais conta da multiplicidade de sujeitos e sexualidades que temos na atualidade² e isso não é novidade; o problema é que ele continua a ser reproduzido e reforçado culturalmente. Quando Foucault realiza um movimento que propõe situar a psicanálise não na ordem do transcendental, ele a situa na ordem dos saberes históricos e nos terrenos do dispositivo da sexualidade. Sendo assim, a

psicanálise se inscreve como um saber sobre a sexualidade se desdobrando na leitura do dispositivo da sexualidade e, sob os argumentos foucaultianos na obra mencionada, com a construção da modernidade no espaço de incitação do dizer sobre o sexo dos sujeitos para o controle sistemático das sexualidades. Sobre dispositivo, fala-nos Foucault:

o que eu tento descobrir sobre este nome é, primeiramente, um conjunto decididamente heterogêneo, que comporta discursos, instituições, arranjos arquitetônicos, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas, em resumo: do dito, tanto quanto do não dito, eis os elementos do dispositivo. O dispositivo propriamente é a rede que se pode estabelecer entre esses elementos (FOUCAULT, 2014c, p. 45).

Sobre o primeiro livro dos três volumes da *História da Sexualidade*³ Foucault menciona, em uma entrevista realizada em 1977, que ele deixou este título porque não encontrou outro melhor. O título anterior seria *Sexo e verdade*. Apesar da substituição do nome da obra, a problemática se fez sobrepor: “o que aconteceu no Ocidente para que a questão da verdade fosse colocada a propósito do prazer sexual? E é meu problema desde a *História da loucura*” (FOUCAULT, 2014c, p. 59). Foucault parte, então, da análise dos discursos aos quais foram conferidos historicamente - e no interior de relações de poder - o estatuto e a função de discursos verdadeiros, tanto em relação à loucura, quanto em relação à sexualidade.

Nesse contexto, entre discursos colocados no lugar do verdadeiro e os emaranhados do poder-saber, o que as sexualidades desviantes, o que os corpos abjetos e os inclassificáveis procuram é a liberação de subjetividades inseridas em historicidades outras e a abolição dos muros da resistência em saber sobre estas subjetivações (im)possíveis; dos estereótipos e dos regimes que cerceiam e aprisionam ao invés de libertar. Em cada corpo jaz o desejo foucaultiano: “eu não tenho vontade, eu, sobretudo, recuso-me a ser identificado, ser localizado pelo poder...” (FOUCAULT, 2010a, p. 344).

3 SABER SOBRE O SEXO: FOUCAULT E A PSICANÁLISE ENTRE TENSÕES E AMBIGUIDADES

Segundo Fonseca (1995), o pensamento foucaultiano leva os leitores a pensar sobre o presente, em um movimento marcado por uma atualização constante, caracterizado por vezes como um retorno ao passado. Isso ocorre para que Foucault promova “a desconstrução da noção de sujeito como um dado pré-existente, como uma essência perene e portadora de sentido, presente indefinidamente na história” (FONSECA, 1995, p. 14). Para Joel Birman (2005), a psicanálise no âmbito do pensamento foucaultiano pode ser percebida como um acontecimento discursivo. Isso

significa dizer que ela aparece de modo recorrente por diversos períodos da obra de Foucault como algo que insiste, que retorna, e que serve ora de pano de fundo, ora de objeto de análise das teorizações propostas.

Esse posicionamento vai ao encontro dos estudos de Ernani Chaves (1988), para quem a psicanálise, durante o percurso teórico de Michel Foucault, reveste-se de ambiguidade. Sendo assim, temos períodos em que ela é atacada frontalmente, como em *A história da sexualidade: a vontade de saber*, *História da loucura na Idade Clássica* e em *As palavras e as coisas*, bem como temos vezes em que Foucault apenas tangencia os terrenos psicanalíticos.

Nesse contexto, vale reiterar a que terreno Foucault se refere quando menciona a psicanálise em seus textos. Valendo-nos dessa observação (de que a psicanálise aparece sob diversas faces no pensamento foucaultiano) cabe acentuar que, nesse contexto “a economia simbólica desta palavra é multifacetada, já que seu sentido e sua materialidade dependem do campo teórico no qual ela se inscreve e da problemática na qual ela está inserida. A dispersão caracteriza seu uso” (BIRMAN, 2000, p. 32). Sobre a presente seção, torna-se adequado afirmar o que Marcus Teshainer escreveu sobre um de seus principais trabalhos sobre o tema: “este estudo é sobre a psicanálise no sentido em que Foucault se refere a ela, mas não é *de psicanálise*, pois não se remete ao texto psicanalítico” (TESHAINER, 2006, p. 11). Sendo assim:

a leitura deve procurar surpreender esta multiplicidade que está sempre em movimento, marcada sempre pela não concatenação e pela inexistência de síntese. Estamos diante de um caleidoscópio, no qual múltiplas apresentações se fazem de maneira aleatória, sem que exista absolutamente um plano prévio de conjunto. [...] Enfim, o discurso psicanalítico se inscreve e se realiza sempre em contextos e dispositivos que, como multiplicidades que são, definem sempre suas materialidades (BIRMAN, 2000, p. 32-33).

Percorrendo então as obras iniciais de Foucault, pode-se assinalar que estas apresentaram reflexões acerca da existência de duas tradições sobre a loucura no Ocidente em que a tradição crítica plasmou-se, entre o século XVIII e XIX, na instauração da psiquiatria e na tradição trágica em produções de artistas, poetas e filósofos. Temos então, de acordo com Birman (2000), a psicanálise inscrita em *Doença mental e psicologia* e em *História da loucura na idade Clássica* na tradição crítica em que esta se torna perceptível através do tratamento moral asilar. Quando, posteriormente, Foucault vai estudar a constituição da medicina individual na relação com a medicina social. A clínica vai sendo definida no Ocidente como primeiro saber de exame.

Dessa forma, através do discurso que incide sobre sujeitos particulares ao invés de sujeitos universais, tem-se a construção de categorias como normal/anormal e o surgimento da categoria **patologia**. Através da patologização, tem-se o advento da medicalização pautada nos critérios de normalidade e anormalidade através dos processos de normalização social. Assim, a

psicanálise é percebida em *O nascimento da clínica* através das relações entre médico e paciente, inscrita na tradição da medicina (antes, pela loucura, tinha sido inscrita nos terrenos da tradição psiquiátrica).

Vale uma constatação acerca de algumas observações realizadas por Foucault e destacadas em uma entrevista realizada em 15 de janeiro de 1977: o autor destaca que, entre a loucura e a sexualidade, há relações históricas que ele não havia percebido quando escrevia a *História da loucura*. Quando ele estava no projeto da obra mencionada, admite ter pensado em fazer duas histórias paralelas, postulando reflexões a partir de uma série de divisões binárias que estariam adequadas à divisão razão/desrazão que ele objetivava reconstituir na época a respeito da loucura. Se para Foucault (2014a, p. 36) de um lado, tinha “a história da exclusão da loucura e das separações que se operaram a partir daí”, do outro estava “uma história das delimitações que se operaram no campo da sexualidade (sexualidade permitida e proibida, normal e anormal, a das mulheres e dos homens, a dos adultos e das crianças)” (FOUCAULT, 2014a, p. 36). Porém, o que Foucault não esperava era que, em relação à loucura – o que se aplica também à sexualidade - a “tecnologia [...] binária, tornou-se complexa e multiforme” (FOUCAULT, 2014a, p. 37). Entre a loucura e a sexualidade emerge uma tecnologia que Foucault intitula grande tecnologia da *psique*, caracterizando-a como um dos traços fundamentais dos séculos XIX e XX, pois ela faz do sexo, ao mesmo tempo, “a verdade oculta da consciência racional e o sentido decifrável da loucura: seu sentido comum e, então, permite ter domínio sobre uma e outro, segundo as mesmas modalidades” (FOUCAULT, 2014a, p. 37).

Já na obra *As palavras e as coisas* relega lugar de destaque à psicanálise por ter, através do conceito de inconsciente e junto com a antropologia, instaurado o encontro com a noção de descentramento do sujeito. É vista então como disciplina teórica e junto com a antropologia social “seriam os signos maiores dessa transformação fundamental e desse processo crucial, pois dissolveram o sujeito, o eu e a consciência no registro do inconsciente” (BIRMAN, 2000. p. 51). Essa formulação do descentramento do sujeito resulta na enunciação de que não haveria mais adequação entre as palavras e as coisas, como era percebido na Idade Clássica, em que parecia haver a correspondência entre os registros de sujeito e objeto, na época da episteme da representação. Sobre *As palavras e as coisas*, diz Foucault em uma entrevista realizada em 22 de maio de 1981 com J. François e J. de Wit:

tentei examinar o papel, antes curioso, que a psicanálise pode representar em relação a esses domínios de conhecimento. Portanto, antes de tudo, a psicanálise não é uma ciência, é uma técnica de trabalho de si sobre si, fundada na confissão. Nesse sentido, é igualmente uma técnica de controle, dado que cria um personagem estruturando-se em torno de seus desejos sexuais. Isso não implica que a psicanálise não possa ajudar

ninguém. O psicanalista tem pontos em comum com o xamã nas sociedades primitivas. Se o cliente confere credibilidade à teoria praticada pelo xamã, ele pode ser ajudado. Assim também acontece com a psicanálise. O que implica que a psicanálise opera sempre com mistificação, porque ela não pode ajudar ninguém que não creia nela, o que subentende relações mais ou menos hierárquicas (FOUCAULT, 2010a, p. 342).

O elogio à psicanálise freudo-lacaniana aparece em outros momentos também. Em 1981, em uma entrevista intitulada *Lacan, o “Libertador” da psicanálise*, Foucault menciona que Lacan buscava, através da psicanálise, “não um processo de normalização dos comportamentos, mas uma teoria do sujeito” (FOUCAULT, 2010b). Segundo o autor de *As palavras e as coisas*, a interpretação era um trabalho infinito, lançada numa cadeia interminável de linguagem, já que não havia origem a ser recuperada. Dessa forma, a psicanálise se inscrevia na história como discursividade e não como ciência e, com o passar do tempo, a linguagem passa a ser percebida como inserida enquanto exterioridade do sujeito.

Na famosa conferência *O que é um autor* (FOUCAULT, 2000), proferida na Sociedade Francesa de Filosofia em 1969, Foucault aponta, como característica do saber psicanalítico, o estatuto teórico de ser esta uma discursividade em que o retorno aos textos fundadores tinha por natureza se inscrever sempre na lógica de constituição desses saberes. A importância do descentramento do sujeito para a filosofia e o pensamento da época em que Lacan emerge em cena traz uma novidade que não passa alheia a vários estudiosos da época, entre eles, Foucault:

nós descobríamos que a filosofia e as ciências humanas viviam sobre uma concepção muito tradicional do sujeito humano e, que não bastava dizer, ora com uns, que o sujeito era radicalmente livre e, ora com outros, que ele era determinado por condições sociais (FOUCAULT, 2010b, p. 329).

Apesar de Foucault não negar a existência do descentramento do sujeito, que conferia à linguagem um lugar de destaque por causa da constituição desta através da noção do inconsciente, ainda assim havia divergências entre o pensamento daquele e da psicanálise freudo-lacaniana. A tese do descentramento contrariava os registros do eu como soberano e da posição privilegiada que a consciência ocupava na filosofia desde Descartes. Porém, a tese do descentramento para a psicanálise assumia “uma feição marcadamente estrutural e, portanto, a-histórica, enquanto que nas direções teóricas, delineadas pela arqueologia do saber e da genealogia do poder o dito descentramento teria ocorrido historicamente” (BIRMAN, 2005, p. 108).

Como não poderia deixar de ser mencionado, os embates entre o pensamento foucaultiano e a psicanálise freudo-lacaniana não ocorreram sem tensionamentos. Em *Vigiar e punir*, Foucault se volta para o estudo dos dispositivos disciplinares, em que o termo disciplina está relacionado ao conjunto de técnicas e procedimentos com os quais se busca produzir corpos

politicamente dóceis e economicamente rentáveis (FOUCAULT, 1999c). Nesse contexto, a ênfase, ao invés de olhar para o crime, desloca-se na direção dos criminosos e, assim, a psicanálise é vista como inscrita no dispositivo criminológico de recuperação. Para que os corpos desviantes possam ser reintegrados à sociedade normalizadora e disciplinar há operação de técnicas cada vez mais sofisticadas de “adestramento”, fato que também remonta às postulações do autor acerca da sociedade disciplinar. O poder disciplinar, nesse contexto, opõe-se ao modelo de poder soberano da Idade Clássica. A partir da obra mencionada, podemos afirmar, ampliando o alcance para além dos limites carcerários – o que Foucault, aliás, propôs-, que os saberes e comportamentos advêm de um poder disciplinador e, por isso, “os sujeitos podem ser dóceis ao poder assim como servir de instrumento” (SILVEIRA, 2014, p. 4).

O controle sobre o corpo revela o encontro com corpos em desordem ou excessos que assustam e precisam ser detidos para que a ordem impere. A masturbação infantil, por exemplo, não estava compatível com o que se esperava em relação aos comportamentos aceitáveis em relação ao corpo. Dessa forma, situando na história e no tempo, Foucault (2008a) menciona que os controles da masturbação só começam na Europa durante o século XVIII. Mas, ao se intensificar o controle, a ação vigiada desloca-se para a intensificação dos desejos naqueles que são objeto das proibições. Assim:

repentinamente, surge um pânico: os jovens se masturbam. Em nome deste medo foi instaurado sobre o corpo das crianças – através das famílias, mas sem que elas fossem a sua origem – um controle, uma vigilância, uma objetivação da sexualidade com uma perseguição dos corpos. Mas a sexualidade, tornando-se assim objeto de preocupação e de análise, como alvo de vigilância e de controle, produzia ao mesmo tempo a intensificação dos desejos de cada um por seu próprio corpo... (FOUCAULT, 2008a, p. 146-147).

Vale reiterar o dismantelamento da hipótese repressiva empreendida por Foucault no primeiro Volume da *História da Sexualidade*. Ao analisar textos médicos referentes ao período dos séculos XVII e XVIII, Foucault encontrou traduções de textos médicos gregos, onde já havia uma descrição “dos fenômenos de esgotamento provocados por uma prática excessiva de sexualidade e um alerta contra os perigos sociais deste esgotamento, para toda a espécie humana”. (FOUCAULT, 2010a, p. 335).

Nesse contexto, para Foucault (1980; 1999), do fim do século XVIII ao início do século XIX, desenvolveu-se a sociedade disciplinar. Essa configuração social, baseada na concepção de biopolítica⁴, tinha por característica investir na produção de “corpos dóceis” que beneficiassem o poder estatal e os modos de produção capitalista vigentes. Aos indivíduos que não se adaptavam às normas, restava a punição e o isolamento. Através desses estudos, Foucault quer mostrar como as relações de poder perpassam o interior dos corpos:

o que procuro é tentar mostrar como as relações de poder podem passar materialmente a espessura dos corpos sem ter de ser substituídas pela representação dos sujeitos. Se o poder atinge o corpo, não é porque ele foi inicialmente interiorizado na consciência das pessoas. Há uma rede de biopoder, de somatopoder que é, ela mesma, uma rede a partir da qual nasce a sexualidade como fenômeno histórico e cultural no interior do qual, ao mesmo tempo, nós nos reconhecemos e nos perdemos (FOUCAULT, 2014a, p. 38).

Tem início, assim, um projeto extensivo de normalização de sujeitos que buscava uma “essência universal”, baseada nas leis “da natureza” que possibilitassem evitar o surgimento dos anormais. Assim como os “anormais” do século XIX, o *crossdresser* e o travesti, por exemplo, cada um também pode ser percebido social, histórica e culturalmente como um “monstro banalizado e pálido [...] é também um descendente desses incorrigíveis que aparecem nas margens das técnicas modernas de ‘adestramento’ (FOUCAULT, 2010c)”.

Não se trata aqui de discutir aspectos da patologização do gênero, mas de acentuar, com Deleuze (1992, p. 216) que “num regime de controle nunca se termina nada”. Dessa forma, de acordo com Pelúcio (2009), os anormais são - a cada imaginário coletivo reproduzido sobre os gêneros naturalizados sob um suposto binarismo irrevogável - são convocados a entrar nos consultórios e receber conselhos, ajudas e orientações, gerando uma leva de patologização de sexualidades. Ainda que, de acordo com Foucault (1999, p. 103) “este tríptico aspecto de panoptismo – vigilância, controle e correção – parece ser uma dimensão fundamental e característica das relações de poder que existem em nossa sociedade”, é preciso acentuar, com Leite Jr. (2011), que a questão dos limites entre generificações entre homens e mulheres permeou diversas instancias e não apenas a psicanálise ou a psicologia, mas também a biomedicina, as artes, a religião e as ciências humanas.

Na obra *A história da sexualidade vol. I: a vontade de saber*, a psicanálise figura na centralidade das observações do pensador. Conforme já mencionado anteriormente, a fim de desmontar a hipótese repressiva, relacionada à instauração do silêncio sobre o sexo que vinha sendo declarada há algum tempo, Foucault questiona o oposto, não afirmando a hipótese repressiva e as postulações teóricas que afirmam sua volta, mas invertendo a perspectiva, ele enuncia:

gostaria de passar em revista não somente estes discursos, mais ainda a vontade que os conduz e a intenção estratégica que os sustenta. A questão que gostaria de colocar não é porque somos reprimidos mas, porque dizemos, com tanta paixão, tanto rancor contra nosso passado mais próximo, contra nosso presente e contra nós mesmos que somos reprimidos (FOUCAULT, 1980, p. 14).

Assim, Foucault pretende inserir a problemática do poder que atravessa toda a sociedade e se, em *Vigiar e punir*, havia refletido sobre os procedimentos da disciplina que reprime os corpos; agora lhe interessa questionar acerca dos dispositivos que ligam a sexualidade às malhas

do poder (ERIBON, 1990, p. 250). O que interessa a Foucault, portanto, não é a injunção de falar e as formas com que esta injunção se veste, mas a história da proliferação dos dizeres sobre o sexo, já que, desde o século XVI, a entrada do sexo em discurso não se submete a um processo de restrição, mas passa a ser, conforme explicita Eribon (1990), “submetida a um mecanismo de incitação” que resulta na construção de uma ciência da sexualidade, contexto da qual a psicanálise faz parte. Cabe ressaltar que há na vigilância, “mais precisamente no olhar dos vigias, algo que não é estranho ao prazer de vigiar e ao prazer de vigiar o prazer” (FOUCAULT, 2014a, p. 38).

Desse modo, para Foucault, desde o século XVII, “forjou-se uma relação que alcançaria o auge no século XIX, com a criação de uma ciência sexual: a união íntima entre sexo e verdade” (LEITE JR., 2011, p. 175). Assim, Foucault vai além da desmontagem da hipótese repressiva. Ele direciona suas críticas para o fundamento da psicanálise desde a instauração desta como campo do saber: o complexo de Édipo nada mais é do que a junção entre o dispositivo de sexualidade e o dispositivo de aliança. A afirmação se torna violenta e corrobora até mesmo a criação de uma frase proferida pelo psicanalista brasileiro Jurandir Freire Costa em 1984 de que “todos são iguais perante o Édipo”.

Não apenas no primeiro volume da *História da sexualidade*, mas também na conferência intitulada *A verdade e as formas jurídicas* Foucault tematiza o complexo de Édipo, pois “a psicanálise, em algumas de suas atuações, tem efeitos que entram no quadro do controle e da normalização” (FOUCAULT, 2008a, p. 150). Assim, nos rastros do *Anti-Édipo*, ele contraria a ideia de que o complexo diga respeito a uma estrutura fundamental de toda humanidade e, se a mãe passou a ser percebida como peça fundamental do desejo sob a ótica psicanalítica é porque isso não remete à estrutura libidinal da subjetividade, mas ao modo como foi estruturada a família ocidental através da pedagogia, dos cuidados com a criança. Desse modo, enquanto que, para Freud, Édipo desempenha um “papel fundamental na estruturação dos sujeitos e na orientação do desejo humano, para Foucault, o que o Édipo revela é a profunda imbricação entre a psicanálise e o modo de exercício de poder dominante em nossas sociedades” (CHAVES, 1988, p. 106). Sobre isso diz ainda Foucault:

Deleuze e Guattari tentaram mostrar que o triângulo edipiano pai-mãe-filho não revela uma verdade atemporal, nem uma verdade profundamente histórica de nosso desejo. Eles tentaram mostrar que esse famoso triângulo edipiano constitui, para os analistas que o manipulam no interior da cura, uma certa maneira de conter o desejo, de garantir que o desejo não venha a se investir, se difundir no mundo que nos circunda, no mundo histórico; que o desejo permaneça no interior da família e se desenrole como um pequeno drama, quase burguês, entre o pai, a mãe e o filho (FOUCAULT, 1981, p. 105).

Desse modo, a estrutura edipiana seria regulada pela lei simbólica. Além de criticar as bases da instituição psicanalítica enquanto campo de saber, Foucault, no primeiro volume da *História da sexualidade*, inscreve a psicanálise no campo dos saberes sobre a sexualidade. Sendo

assim, a psicanálise é um dos possíveis no interior do dispositivo da sexualidade a ocupar nele um papel privilegiado: “o de marcar as diferenças entre a ‘sexualidade burguesa’ e as demais ‘sexualidades’ a partir da afirmação do Édipo como ‘complexo nuclear’” (CHAVES, 1988, p. 113). Assim, para Phillippe Ariès (1981), a família deixa de ser uma instituição que outorga bens e nomes para assumir uma função moral e espiritual, passando a formar corpos e almas a partir da modernidade. Para a filósofa Marilena Chauí, houve, historicamente, uma proliferação de saberes e instituições que assumiram o “dever” de preservar a integridade da família.

A pedagogia encarregando-se da criança; a medicina das mulheres; a psiquiatria, da degenerescência; a economia-demografia, da população; e o Estado da ‘moralização dos costumes sexuais dos pobres’, fizeram a família não o lugar da repressão, mas o espaço fundamental da sexualização dos corpos e de todas as práticas que, aparentemente, ferem a vida familiar. Está preparado o campo para a psicanálise (CHAUÍ, 1984, p. 185).

O que interessa a Foucault na *Vontade de saber* é que passa a ser instituída uma técnica de confissão desde os tempos de religiosidade que antecedem a era moderna, em que o indivíduo confessa ao sacerdote seus pecados para alcançar a expiação. Foucault situa o marco histórico da injunção ao ato de confessar instituído a partir da regulamentação do sacramento da penitência, instaurada no Concílio de Latrão, em 1215. Desde o campo religioso, as técnicas de confissão atingem o regime jurídico, o médico e o pedagógico, alcançando também o regime literário e o filosófico. Dessa forma, “a confissão da verdade se inscreveu no cerne dos procedimentos de individualização pelo poder” (FOUCAULT, 1980, p. 58). Assim, confissão, verdade e poder estão intrinsecamente relacionados. Então, Foucault aponta cinco modificações sofridas pelo ritual da confissão desde sua ligação com o poder pastoral até o advento das ciências do século XIX para que a confissão pudesse funcionar de acordo com os pressupostos de regularidade científica. Em todas elas, a Psicanálise está inserida e, conforme Chaves (1988):

1) transcrevendo em termos clínicos a injunção ao ‘fazer falar’, que o uso da hipnose ou da técnica da associação livre testemunhariam; 2) tornando a sexualidade causa, origem, determinação em, última instância, de tal maneira que a evocação das lembranças, a interpretação dos sonhos, conduza sempre a essa ‘realidade subterrânea’; 3) considerando o princípio de uma latência intrínseca à sexualidade, isto é, que o seu funcionamento é obscuro e que o próprio sujeito que confessa desconhece este funcionamento, o que torna, como vimos, indispensável a presença do confessor (sutil referência aos mecanismos inconscientes da resistência, cerne do trabalho psicanalítico); 4) construindo um novo método, o da ‘interpretação’, outra justificativa para a presença do confessor; a fala daquele que confessa é sempre lacunar, incompleta e obscurecida, só podendo completar-se naquele que escuta e recolhe esta fala, sendo capaz de indicar-lhe um sentido e preencher estas lacunas. Segundo Foucault ‘é preciso duplicar a revelação da confissão pela decifração daquilo que ela diz’; e 5) pela medicalização dos efeitos da confissão, tornando a sexualidade não mais aquilo a que se reserva o epíteto de culpa ou de pecado, mas reinscrevendo-a no regime científico propriamente dito, isto é, na distinção entre o normal e o patológico, criando igualmente, em torno dela, um quadro nosográfico que lhe é próprio (CHAVES, 1988, p. 118-119).

Somando as técnicas da confissão à normatividade científica, passa a ser instaurada a sexualidade como objeto das intervenções terapêuticas, como campo a ser decifrado, interpretado, investigado; não apenas interpretado, mas traduzido. Enquanto que, na *História da loucura na Idade Clássica*, a **interpretação** como conceito psicanalítico advindo de Freud apresenta esta como possibilitadora de uma abertura na concepção de signo que abre caminhos inesperados como o fora da língua, por exemplo, e a lacuna constituinte do real como impossibilidade de tudo dizer; na obra *A vontade de saber*, a interpretação aparece como a forma científica da confissão, como maquinaria do poder que atua na manutenção do poder do psicanalista, já que também é maquinaria de subjetivação em que o sexo aparece como o mais íntimo segredo e matéria privilegiada de sua confissão.

Para Foucault o que importa não é atacar a psicanálise, mas mostrar que a “verdade” da psicanálise enquanto campo do saber não enraizado “na transcendência, mas na história” (CHAVES, 1988, p. 121). É justamente por causa das diversas figurações com que a psicanálise aparece no pensamento foucaultiano que vale a pena ser destacada a ambiguidade das críticas e a riqueza de argumentos que se direcionam não para a deslegitimação desta enquanto campo do saber, mas para instaurar reflexões acerca dos modos como ela é vista, ora nos caminhos da superação médico-psiquiátricos (como em *A história da loucura*), ora através das críticas sobre a participação desta na direção de individualizações instituídas pelos efeitos dela.

Temo, simplesmente, que a propósito da psicanálise aconteça o que tinha acontecido a propósito da psiquiatria, quando eu tinha tentado fazer a *História da loucura*; eu tinha tentado contar o que havia acontecido até o início do século XIX; ora, os psiquiatras entenderam minha análise como um ataque contra a psiquiatria. Eu não sei o que vai acontecer com os psicanalistas, mas receio que eles entendam como antipsicanálise algo que será apenas uma genealogia. [...] Vamos ver como a psicanálise recebe a questão de sua história (FOUCAULT, 2014a, p. 42-43).

Vale ressaltar, nesse contexto, que a psicanálise também questiona, de modo extremo, o estatuto do sujeito, promovendo debates acerca da constituição deste. Do mesmo modo, “o que estaria em pauta então, no projeto filosófico de Foucault, é a desconstrução da filosofia do sujeito e do seu correlato, qual seja, o lugar ocupado nesta pela concepção de verdade” (BIRMAN, 2005, p. 110). Desse modo, em relação à crítica foucaultiana sobre a psicanálise, pode-se dizer que “trata-se de examinar as relações que o projeto freudiano mantém com o nível das práticas, com a cultura que o produziu e que, ao mesmo tempo é questionada por ele” (CHAVES, 1988, P. 143). Chaves também destaca que Foucault teceu um gesto discursivo de reconhecimento a Freud por causa de movimentos de ruptura com o conceito clássico de loucura, por exemplo, ou referente à crítica de Freud sobre as teorias da degenerescência.

Finalmente (mesmo sem pretender esgotar a discussão), cabe acentuar que o conceito de subjetivação foucaultiano aparece associado a formas, processos e modos, revelando os terrenos do múltiplo ao invés do uno (PRATA, 2009). Não cabe, portanto, um sujeito fixo e estável, “centrado”. Mas o descentramento do sujeito em Foucault possibilita, através da instauração do conceito de jogos de verdade, apontar para a existência não do sujeito, mas de formas de subjetivação. Isso porque a subjetividade não é vista a partir da origem, mas como um devir (BIRMAN, 2000). Posteriormente, nos dois últimos volumes da *História da sexualidade*, Foucault se volta ao desejo. Ao fazer isso, ele mais uma vez se opõe à psicanálise freudo-lacaniana que centraliza o conceito de desejo na falta. Isso porque Foucault vai buscar na civilização grega o desejo como algo marcado pelo excesso que, ao invés de ser renunciado, pode ser dominado. É então que ele retoma a oposição do desejo como visto na doutrina cristã da carne, que centraliza a força do prazer na queda e na falta que constitui a natureza humana. Desse modo, para o pensamento grego clássico “essa força [o desejo] é por natureza virtualmente excessiva e a questão moral consistirá em saber de que maneira enfrentar essa força, de que maneira dominá-la e garantir a economia conveniente dessa mesma força” (FOUCAULT, 1984, p. 48).

4 PARA (NÃO) FINALIZAR

O presente trabalho buscou apresentar as relações conturbadas entre Foucault e a psicanálise. A partir das considerações expostas no presente trabalho, vale reiterar que não se trata de um texto sobre a psicanálise, mas sobre os modos como esta teve sua aparição nos textos de Foucault, com ênfase no primeiro volume da *História da sexualidade*.

Na obra supracitada, que traz como subtítulo *A vontade de saber*, Foucault defende que o constructo teórico principal da psicanálise fundamenta-se sobre as bases da família tradicional burguesa. Devemos lembrar, a esta altura, que este não é um trabalho sobre psicanálise, mas articulado a partir das reflexões foucaultianas sobre ela. No volume mencionado, a psicanálise aparece fortemente ligada ao dispositivo da sexualidade, o que nos remete a pensar nas relações entre sexo, verdade e produção de sujeitos, já que, situando-nos no interior do estudo do sujeito proposto por Foucault, está o intuito de buscar compreender os modos pelos quais os indivíduos se tornam sujeitos e de que maneira os seres humanos se reconhecem como sujeitos de determinada sexualidade.

Para Chaves (1988), ao situar a interpretação psicanalítica nos terrenos da confissão enquanto uma modalidade sofisticada e científica desta segunda, a interpretação se torna uma maquinaria de poder, um mecanismo de produção de sujeitos – já que, através do conflito

edipiano, o sujeito se reconhece a partir da referência à sexualidade ou ao desejo com o qual se identifica ou alimenta em si – tornando a interpretação uma “tecnologia do eu” cujo pressuposto “é a hipótese de que existe uma verdade do sujeito, verdade para quem o sexo se torna referência essencial. Mais uma vez é a questão do poder o critério de define essa mudança” (CHAVES, 1988, p. 120).

Resta a contribuição do pensamento foucaultiano a partir da temática das relações entre sexo, verdade e produção de subjetividades que, a partir de seus estudos sobre a sexualidade, não cessa de sussurrar e reaparecer na atualidade para que possamos investigar sobre a produção de subjetividades, voltando-nos para o terreno das práticas discursivas que se inscrevem na história percebidas como “saberes e poderes que visam normatizar, controlar e estabelecer verdades que pretendem responder às demandas sociais, políticas ou morais” (SILVEIRA, SILVA & SANTOS, 2014, p. 124). Assim, a psicanálise pode ser vista como assentada em discursos sobre a sexualidade e de produção de verdades e cabe-nos, enquanto sujeitos críticos e reflexivos, não deixar seus postulados alheios ao crivo de problematizações.

NOTAS

- ¹ Esta pesquisa foi financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).
- ² A questão central não é que o Édipo não dê conta da multiplicidade de sexualidades e identificações inseridos em diversos contextos em que haja produção de subjetividades na atualidade ou em qualquer outro período histórico, mas que o complexo de Édipo continua sendo reforçado e reproduzido culturalmente como modelo de estrutura familiar - quando ocorreu votações no Senado brasileiro para definir a configuração de família por exemplo, mesmo com a aparição de outros contextos e arranjos que destoam dele, entre outros casos, como no estranhamento causado frente à transexuais, transgêneros e outros corpos que não se “adequam” às normas culturalmente estabelecidas de gênero, por exemplo – e o Édipo reforça este estereótipo, apenas dizer que ele é ultrapassado não basta. Quando imaginários coletivos são reproduzidos sobre os gêneros e naturalizados sob um suposto binarismo irrevogável o Édipo está perpassando efeitos na produção de sexualidades e se instauram práticas de normalização (PELÚCIO, 2009).
- ³ Estava, no projeto original, acrescido de *As confissões da carne*, que seria o quarto volume, que Foucault já havia terminado antes, mas que aguardava ser revisado, o que não acontece, já que a morte do pensador deixa este trabalho inconcluso. Há uma cláusula do testamento que impede que este volume seja publicado *post mortem*.
- ⁴ Sobre biopolítica: “O termo “biopolítica” designa a maneira pela qual o poder tende a se transformar, entre o fim do século XVIII e o começo do século XIX, a fim de governar não somente os indivíduos por meio de certo número de procedimentos disciplinares, mas o conjunto dos viventes constituídos em população: a biopolítica – por meio dos poderes locais – se ocupará, portanto, da gestão da saúde, da higiene, da alimentação, da sexualidade, da natalidade, etc., na medida em que elas se tornaram preocupações políticas (REVEL, 2005, p. 26)”.

REFERÊNCIAS:

- ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- BIRMAN, Joel. A psicanálise e a filosofia do sujeito: uma leitura do discurso teórico de Foucault. In: FALCÃO, Luis Felipe; SOUZA, Pedro de. (Orgs.). **Michel Foucault: Perspectivas**. Rio de Janeiro: Achiamé, 2005, pp. 97-110.
- _____. **Entre o cuidado e o saber de si: sobre Foucault e a psicanálise**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.
- CASTRO, Edgardo. **Introdução a Foucault**. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.
- CHAUI, Marilena. **Repressão sexual: essa nossa (des)conhecida**. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- CHAVES, Ernani. **Foucault e a psicanálise**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1988.
- DELEUZE, Giles. **O Anti-Édipo**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- _____. **Conversações**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.
- ERIBON, Didier. **Michel Foucault 1926-1984**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- FONSECA, Márcio Alves da. **Michel Foucault e a constituição do sujeito**. São Paulo: Educ, 1995.
- FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 8ª ed. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2012.
- _____. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 1996.
- _____. **A verdade e as formas jurídicas**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Cadernos PUC, 1981.
- _____. **As palavras e as coisas**. 8ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999a.
- _____. As Relações de Poder Passam para o Interior dos Corpos. In: FOUCAULT, Michel. **Ditos & Escritos IX: Genealogia da ética, subjetividade e sexualidade**. Organizador Manoel Barros da Motta; tradução: Abner Chiquieri. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014a, pp. 35-43.
- _____. **Aulas sobre a vontade de saber: curso no Collège de France (1970-1971)**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014b.
- _____. **Doença mental e psicologia**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1994.
- _____. Entrevista com Michel Foucault. In: FOUCAULT, Michel. **Ditos & Escritos I: Problematização do sujeito: Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise**. 3ª ed. Organizador Manoel Barros da Motta; Tradução: Vera Lúcia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010a, pp. 331-344.

_____. Eu sou um pirotécnico. In: POL-DROIT, Roger. **Michel Foucault entrevistas**. Rio de Janeiro: Graal, 2006, pp. 67-100.

_____. **História da loucura na Idade Clássica**. 6ª. ed. São Paulo: Perspectiva, 1999b.

_____. **História da sexualidade Vol. I: a vontade de saber**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1980.

_____. **História da sexualidade Vol. II: o uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

_____. Lacan: o ‘Libertador’ da Psicanálise. In: _____. **Ditos & Escritos I**. Problematização do sujeito: Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise. 3ª ed. Organizador Manoel Barros da Motta; Tradução: Vera Lúcia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010b, pp. 329-330.

_____. O jogo de Michel Foucault [entrevista realizada em 1977]. In: _____. **Ditos & Escritos IX: Genealogia da ética, subjetividade e sexualidade**. Organizador Manoel Barros da Motta; tradução: Abner Chiquieri. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014c, pp. 44-76.

_____. O Ocidente e a verdade sobre o sexo. In: _____. **Ditos & Escritos IX: Genealogia da ética, subjetividade e sexualidade**. Organizador Manoel Barros da Motta; tradução: Abner Chiquieri. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014d, pp. 1-6.

_____. **O que é um autor?** Lisboa: Veja, 2000.

_____. **Os anormais: curso no Collège de France (1974-1975)**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010c.

_____. Poder-corpo. In: _____. **Microfísica do poder**. 26ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 2008a, pp. 145-152.

_____. Prefácio à História da Sexualidade. In: _____. **Ditos & Escritos IX: Genealogia da ética, subjetividade e sexualidade**. Organizador Manoel Barros da Motta; tradução: Abner Chiquieri. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014e, p. 207-213.

_____. Verdade e poder. In: _____. **Microfísica do poder**. 26ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 2008b, pp. 1-14.

_____. **Vigiar e punir: história da violência nas prisões**. 20ª ed. Petrópolis: Vozes, 1999c.

LEITE JR., Jorge. **Nossos corpos também mudam: a invenção das categorias “travesti” e “transexual” no discurso científico**. São Paulo: Anablume, 2011.

PELÚCIO, Larissa Maués. **Abjeção e desejo**. São Paulo: Anablume, 2009.

PRATA, Maria Regina. Foucault com Freud: notas para uma leitura positiva do desejo na psicanálise. In: SOUZA, Pedro de; GOMES, Daniel de Oliveira. **Foucault com outros nomes: lugares de enunciação**. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2009, pp. 155-166.

REVEL, Judith. **Foucault: conceitos essenciais**. São Carlos: Claraluz, 2005.

SILVEIRA, Ederson Luís. Entre selfies, curtidas e subjetividades: os sujeitos contemporâneos e o cuidado de si. **O corpo é discurso**. n. 32, vol. I, pp. 4-10, 2014.

____; SILVA, João Paulo de Lorena; SANTOS, Wendel Souza. Sobre discursos disciplinares e (outras) pedagogias: desnormalizando sexualidades na escola. **Rascunhos culturais**, Coxim/MS, vol. 05, n. 10, pp. 123-136, 2014.

TESHAINER, Marcus. **Psicanálise e biopolítica**: contribuição para a ética e a política em Michel Foucault. Porto Alegre: Zouk, 2006.